

## É PRECISO DUVIDAR DE TUDO?

Marcio Gimenes de Paula

Universidade Estadual de Campinas

mgpaula@hotmail.com

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *É preciso duvidar de tudo*. Prefácio e notas de Jacques Lafarge, tradução de Sílvia Saviano Sampaio e Álvaro Luiz Montenegro Valls, revisão da tradução de Else Hagelund e Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Breves Encontros).

É com grande alegria que o leitor brasileiro (e de língua portuguesa) pode saudar mais esse lançamento. Afinal, se o dinamarquês Kierkegaard (1813-1855) é um autor ainda tão pouco estudado no Brasil, toda tradução vem em hora propícia. A virtude de tal trabalho, entretanto, não se justifica apenas pela escassez de obras kierkegaardianas em nossa pátria, mas está intimamente relacionada com um projeto sério (mas bem-humorado, como convém aos estudiosos de Kierkegaard) de dois grandes especialistas na obra do pensador de Copenhague. O Prof. Álvaro Valls já traduziu, diretamente do original dinamarquês, duas outras obras de Kierkegaard: *O conceito de ironia* (em 1991, Editora Vozes), *Migalhas filosóficas* (em 1995, Editora Vozes), e está prestes a publicar a inédita *As obras do amor*. A Profa. Sílvia Sampaio é recém-doutora na filosofia de Kierkegaard pela Universidade de São Paulo (USP) e agora nos apresenta, a partir da edição francesa, uma tradução dessa obra inédita até então. Os méritos da tradução a partir do francês e da efetiva comparação com o original dinamarquês se somam num trabalho a quatro mãos, ou melhor oito, pois deve-se acres-

centar aqui os tradutores de revisão: Else Hagelund e Glauco Micsik Roberti. Além disso, o prefácio e as notas de Jacques Lafarge são bastante enriquecedores e elucidativos (além de profundamente irônicos) tanto para aqueles já estão familiarizados com os estudos do autor dinamarquês como para aqueles que estão se iniciando nesse pensador.

A obra traduzida pelos especialistas brasileiros intitula-se originalmente *Johannes Climacus eller ou De Omnibus Dubitandum Est* (Johannes Clímacus ou deve-se duvidar de tudo). A tradução escolhida – *É preciso duvidar de tudo* – revela com bastante clareza o sentido original do título dinamarquês. Trata-se de uma obra póstuma de Kierkegaard, que é comumente aceita pela crítica como produzida em 1842-1843, fazendo parte oficialmente dos *Diários* (ou *Papíres*). Convém notar que, naquele tempo, o pensador dinamarquês já havia escrito obras de *peso*, como sua dissertação *O conceito de ironia* (1841) e dos *Papéis de alguém que ainda vive* (1838). É importante que se frise tal contexto apenas para não situar injustamente o autor como alguém que só se tornou importante após *Temor e tremor* (1843), *Migalhas filosóficas* (1844), *Conceito de angústia* (1844). Aliás, há uma certa corrente interpretativa que só conferiu importância ao pensador de Copenhague após 1846, ano de lançamento do seu *Post-scriptum*, em que, segundo alguns, aparece o autor religioso. Tal afirmação é extremamente temerária – para dizer o mínimo – num autor tão irônico, com uma comunicação indireta e que se vale de tantos pseudônimos como Kierkegaard. Heidegger já havia percebido, com sua perspicácia, no *Ser e tempo*, que há no pensador dinamarquês não só um autor à altura do seu tempo, mas um grande filósofo em discursos supostamente religiosos (como os assim chamados *Discursos edificantes*).

*É preciso duvidar de tudo* é uma obra que mescla filosofia e literatura, o que não é, rigorosamente falando, nada de anormal na obra do irônico dinamarquês. Há no próprio título da obra uma clara alusão ao método cartesiano de filosofar. Aliás, tal discussão já havia sido feita pelo próprio Kierkegaard numa outra obra de sua

primária autoria: *A luta entre a antiga e a nova adega de sabão*, que é um esboço teatral. Tal discussão prossegue, de alguma forma, nas alusões contidas a Descartes em *Temor e tremor*. Do ponto de vista literário, é curioso perceber que se trata de um pseudônimo relatando sua própria vida, como começou a filosofar e como se desiluiu com a filosofia. O nome do pseudônimo não é fortuito, mas significa literalmente João das Escadas ou da Ascese. Trata-se de um monge medieval que viveu num Mosteiro do Monte Sinai, autor de um tratado místico. Note-se aqui uma camada a mais na técnica da comunicação indireta kierkegaardiana, mas também deve-se notar aqui, ao mesmo tempo, referências da vida pessoal de Kierkegaard. Não se trata de reduzir um autor apenas à sua obra – sem entender sua época –, mas também não se trata aqui de valorização excessiva do aspecto psicológico como auto-explicativo de todos os seus escritos. Tal atitude pode descaracterizar o pensamento de qualquer autor. Há, todavia, momentos primorosos nos quais a figura forte do pai de Johannes Climacus (ou seria de Kierkegaard?) lembra-nos muito bem a personalidade marcante do pai de Kafka (na *Carta ao pai*).

É importante notar ainda que o pseudonímico Johannes Climacus será autor de outras duas obras do corpus kierkegaardiano: *Migalhas filosóficas* e *Post-scriptum*. Trata-se de um pseudônimo que tem uma história e uma lógica peculiar. Ele é um homem que vive na cristandade e não consegue ser cristão, vive no tempo dos sistemas e não consegue ser filósofo. Johannes Climacus é um cético, alguém que gostaria de crer e de pensar, mas não consegue. Aliás, Kierkegaard criará um outro pseudônimo na esteira de Johannes Climacus: Anti-Climacus. Tal pseudônimo será um cristão por excelência, no seu mais elevado grau. Através de sua pena, Kierkegaard escreverá a *Doença mortal* (1849) e *Escola do cristianismo* (1850).

*É preciso duvidar de tudo* possui quatro partes: introdução, primeira parte, segunda parte e um apêndice (que Kierkegaard deixou inacabado, juntamente com a obra). A citação de Espinosa – sobre a dúvida real no *Tratado da reforma da inteligência*, logo no

início da obra – e a citação de um versículo bíblico de I Timóteo (de que ninguém deve desprezar sua juventude) fornecem a atmosfera (palavra tão cara ao léxico kierkegaardiano). Em outras palavras, o texto vai andar no meio-fio entre a dúvida existencial real e a importância de narrar a vida de um jovem filósofo. Tal panorama servirá para testar a filosofia moderna que, segundo Climacus, se meteu numa grande confusão ao querer superar a filosofia antiga, quando sequer conseguiu entendê-la.

Enfim, o pseudonímico Johannes Climacus narra suas dificuldades e frustrações na tentativa de filosofar. Conta-nos de como duvidou e de quanto achou que isso era moderno. O problema é que a suposta dúvida do sistema não é existencial, mas surge apenas como preceito, o que acaba por levá-la (ironicamente) à condição de dogma (quanta ironia!). A possível saída para ele (para nós?) é tentar pensar por si mesmo, com as dores (e delícias) de tal exercício. Afinal, como já sentenciou Mário Quintana: “como o burrico mourejando à nora, a mente humana sempre as mesmas voltas dá... Tolice alguma nos ocorrerá agora, que não a tenha dito um sábio grego outrora...”

Apenas uma sugestão aos tradutores: seria bom, numa futura reedição, fazer as citações – nas notas de rodapé – das obras de Kierkegaard em português (quando existirem, obviamente). Acho que isso poderia ajudar o leitor, que deve seguir duvidando de tudo, inclusive de nós, tradutores e resenhistas.